

10. INTERPRETAÇÕES DOS PROFESSORES SOBRE O ABANDONO ESCOLAR DOS ALUNOS DA ESCOLA PRIMÁRIA COMPLETA EDUARDO MONDLANE NA PROVÍNCIA DO MAPUTO ENTRE 2018 A 2020

Teachers' Interpretations About School Dropout Among Students At Eduardo Mondlane Complete Primary School In Maputo Province Between 2018 And 2020

Bernardo Jaime Pelembe³³

Fernando Francisco Pereira³⁴

Noémia José Mussivane Manganhe³⁵

Resumo

Apesar da Educação Básica em Moçambique ser gratuita e obrigatória, estando os alunos isentos da taxa de matrícula, verificam-se elevados índices de abandono escolar. O abandono escolar é um conceito aplicável aos jovens que, por imperativo legal, deveriam estar na escola, mas não estão, concorrendo desta forma para a reprodução das desigualdades sociais. É nesta perspectiva que a presente pesquisa aborda as interpretações dos professores sobre o abandono escolar dos alunos da Escola Primária Completa Eduardo Mondlane na Província de Maputo, entre 2018 à 2020. O estudo é de carácter qualitativo, com recurso a entrevistas semi-estruturadas, envolvendo 7 professores com mínimo de 5 anos de experiência, de modo a obter as informações que eles têm sobre o abandono escolar. Os dados foram trabalhados com recurso a técnica de análise de conteúdo, tendo por fim sido comparados com outras pesquisas já feitas nesta temática. Os resultados mostram que os professores interpretam este fenómeno aliado principalmente a pobreza. É a pobreza que condiciona aos casamentos prematuros, à entrada precoce ao mercado de emprego, sobretudo informal, para conseguir algum sustento para a família. Figuram também outros factores como a falta de acompanhamento familiar e as sucessivas reprovações. O abandono escolar afecta sobretudo aos adolescentes provenientes de famílias com fraco poder económico, que não têm muito acompanhamento pelos pais e que nalguns casos são “chefes de famílias”. Quanto aos sinais de alerta face ao abandono escolar salientam-se os atrasos e as faltas frequentes, a idade desproporcional em relação aos demais colegas da turma, fruto da entrada tardia na escola ou de sucessivas reprovações. Foi possível concluir que as interpretações que os professores têm sobre o abandono escolar se prendem não apenas com características do meio envolvente da escola, mas também com as características familiares e com a incapacidade da escola em responder a um público cada vez mais diversificado, em necessidades e aspirações.

Palavras-chave: Abandono Escolar, Interpretações, Professores.

Abstract

In Mozambique, Basic Education, which comprises Primary Education and the 1st cycle of Secondary Education, that is, from 1st to 9th grade, is free and compulsory, with students exempt from registration fees. Despite this, there are high rates of school dropout. School dropout is a concept applicable to young people who, by legal imperative, should be in school but are not, thus contributing to the reproduction of social inequalities. It is in this perspective that the present work addresses School Dropout - Interpretations of Teachers of the Eduardo Mondlane Complete Primary School in Maputo province between 2018-2020. It was qualitative research, involving 7 teachers with at least 5 years

³³ Mestre em Psicologia de Educacional pela Universidade Pedagógica de Maputo

³⁴ Doutor em Educação: Conhecimento e Inclusão Social na Educação, pela Universidade Federal de Minas Gerais
E-mail pereirafranciscoponte@gmail.com

³⁵ Licenciada em gestão financeira e mestre em Psicologia educacional

of experience, using semi-structured interviews in order to obtain the information they have about the school dropout. Subsequently, the data were worked on using the technique of content analysis, having finally been compared with results from other studies already carried out on this topic. Results show that teachers interpret this phenomenon of school dropout mainly allied to poverty. It is poverty that conditions early marriages, early entry into the job market, especially informal jobs to get some support for the family. There are also other school dropout factors, the lack of family support and successive failures. The phenomenon mainly affects teenagers from families with weak economic power, teenagers who are not closely monitored by their parents and who in some cases are “heads of households”. As for the warning signs regarding school dropout, delays and frequent absences, disproportionate age in relation to other classmates, as a result of late entry to school or successive failures, stand out. It was possible to conclude that the interpretations that teachers have about school dropout are related not only to characteristics of the school's surroundings, but also to its family characteristics and the school's inability to respond to an increasingly diverse public, in particular needs and aspirations.

Keywords: School leaving, Interpretations, Teachers.

INTRODUÇÃO

Em 1983 foi introduzido em Moçambique o Sistema Nacional de Educação (SNE), através da Lei Nº 4/83, de 23 de Março, o qual nove anos depois foi reajustado pela Lei Nº 6/92, de 6 de Maio, com vista a adequá-lo às condições sociais e económicas do país, tanto do ponto de vista pedagógico como organizativo. Segundo a lei 6/92, de 6 de Maio, no seu Artigo quinto, conjugada com a Lei 18/2018, no seu artigo sexto, ambas do SNE “*os pais, a família, os órgãos locais do poder e as instituições económicas e sociais contribuem para o sucesso da escolaridade obrigatória, promovendo a inscrição das crianças em idade escolar, apoiando - as nos estudos, evitando as desistências...*”. Esta lei introduz também a escolaridade gratuita e obrigatória, até a conclusão da Educação Básica, que compreende o ensino primário e o 1º ciclo do ensino secundário, isto é, de 1ª a 9ª classes.

Apesar de, segundo a lei, a educação básica ser gratuita e obrigatória, ainda verifica-se em Moçambique elevados índices de abandono escolar. No caso concreto da EPC Eduardo Mondlane, na Província do Maputo, no ano lectivo de 2018, num universo de 913 alunos matriculados, segundo o censo geral da educação, vulgo levantamento estatístico 3/3 (3 de Março), 32 alunos abandonaram a escola, correspondendo a 3, 5% do universo matriculado naquele ano lectivo. Estes números mostram um aumento de casos de abandono escolar quando comparado com os dados do ano 2019 (em que foram matriculados 890 alunos e destes chegaram ao fim do ano 842, representando um abandono em 48 alunos, o que corresponde a 5,4%).

É nesta perspectiva que o presente artigo visa compreender as interpretações que os professores têm sobre o abandono escolar dos alunos da Escola Primária Completa Eduardo

Mondlane, na Província do Maputo, entre 2018 à 2020. A pertinência e a relevância científica e social da pesquisa baseiam-se no facto de o abandono escolar ser um mal que mina o cumprimento dos planos do governo com vista a erradicação do analfabetismo e garantir uma educação para todos.

1. Abandono escolar

De acordo com Benavente et. all (1994), etimologicamente a palavra abandono, provém do francês *abandonner*, que significa ceder, deixar, desistir, largar. Para estes autores, o abandono ou desistência significa que um aluno deixa a escola sem concluir o grau de ensino frequentado por outras razões que não sejam a transferência da escola ou a morte.

Por sua vez, para Rosa, citada por Lourenço (2013), o abandono escolar é um conceito aplicável aos jovens que, por imperativo legal, deveriam estar na escola, mas não estão. Na opinião deste autor, o abandono escolar encontra-se imbuído no insucesso escolar e refere-se ao facto de um aluno não ter conseguido chegar ao fim do nível, do ciclo de estudos empreendidos, ter fracassos no fim por falta de bons resultados. Ainda de acordo com esse autor, é importante julgar este fenómeno num conjunto interdisciplinar de ciências da educação, a partir das quais se pode apurar as suas causas e implicações no cumprimento do sujeito, pois, a possibilidade de aprendizagem está directamente relacionada à estrutura de personalidade do sujeito.

Benavente et al. (1994), Lourenço (2013) e Bossa (2002), corroboram na sua abordagem na medida em que conceituam o abandono escolar como a não frequência escolar em idade definida como obrigatória. A idade obrigatória ou o nível de educação obrigatória varia de país para país. Por exemplo, no contexto moçambicano, à luz da lei nº 18/2018, do Sistema Nacional de Educação, no seu artigo nº 7, a escolaridade obrigatória é de 1ª a 9ª classe; a criança deve ser obrigatoriamente matriculada na 1ª classe até 30 de junho, no ano em que completa 6 anos de idade e a frequência da Educação Básica é gratuita nas escolas públicas, estando isenta de pagamento de matrícula.

1.1 Insucesso escolar

Etimologicamente, a palavra insucesso vem do latim *insucessu(m)*, o que significa “Malogro; mau êxito; falta de sucesso que se desejava” ou ainda “mau resultado (...) desastre,

fracasso”. Benavente et al., (1994), considera que insucesso escolar é “*um termo com sentido negativo, dramático, angustiante, doloroso, assustador e associado aos seguintes termos: Reprovações, Atrasos, Repetência, Abandono, Desperdício, Desadaptação, Desinteresse, Desmotivação, Alienação, Fracasso*”.

Para Miranda, citado por Mucopela (2016), o insucesso escolar pode ser entendido como “resultado de um conjunto de factores que actuam de modo coordenado” acrescentando ainda que “nenhum deles tomado isoladamente o conseguiria provocar”.

Benavente e al. (1994) e Mucopela (2016) corroboram ao enquadrar o abandono escolar no grupo das categorias do insucesso escolar e apontarem vários factores que concorrem para o seu surgimento e para a sua compreensão, não podendo ser estudado de forma isolada.

1.2. Causas do abandono escolar

Segundo Benavente et. all (1994), as abordagens sobre o abandono escolar são diversas, mas todas são unânimes quanto a existência de várias causas, segundo os países, as regiões, o grau de ensino, os contextos económicos, sociais e familiares. Mas, frequentemente, “os alunos que abandonaram tem problemas com a escola e foram por ela já abandonados, em muitos casos. Só ocasionalmente se encontra um bom aluno, entusiasmado, com projectos escolares, que renuncia a escola.

Por sua vez, para Estêvão e Álvares (2013), o abandono escolar é um processo, e uma boa parte dos alunos em abandono escolar precoce encontra-se na escola e não fora dela, vivendo situações de insucesso reiterado, procurando aproveitar o que na escola mais apreciam, distantes de processos de aprendizagem de conteúdos formais. Estes alunos que se mantêm no sistema educativo/formativo e que não se envolvem em algum processo de aprendizagem de conteúdos formais trazem ao lume (um?) novo fenómeno de abandono escolar que tem vindo a ser designado por abandono funcional ou abandono virtual.

Barber e McClellan, citados por Benavente et al. (1994), apresentam uma lista de causas de abandono escolar, das quais referenciamos as seguintes:

- a) *De Integração e relacionais*: falta de interesse pela escola; aborrecimento quanto à escola e às actividades escolares; idade; problemas com os professores; problemas com os colegas;

inadaptação à escola, levando a falta de integração e à falta de interesse; interesse por outras actividades; e maus resultados escolares que aumentam o desinteresse pela escola.

- b) *Familiares*: responsabilidades (nas tarefas domésticas, maternidade na adolescência, etc.) e problemas familiares; problemas financeiros; e necessidade de começar a trabalhar, que tal como nas causas anteriores podem estar relacionados com a necessidade do aluno de ganhar dinheiro para ajudar na economia familiar ou para o seu próprio sustento.
- c) De *Acessibilidade*: problemas de transporte, dificuldade do aluno em chegar à escola, normalmente por morar longe da escola e por existirem poucos meios de transporte disponíveis e com pouca flexibilidade de horários. Isto promove o desinteresse do aluno pela escola e, em última instância, o abandono Escolar.

Por sua vez, Canavarro (2007), refere que, o abandono escolar é um fenómeno sistémico e ecológico, sendo que para a sua análise e compreensão deve-se ter em conta quatro subsistemas que são o *indivíduo, a família, a escola e o meio envolvente*. Estes subsistemas são desenvolvidos na apresentação das causas do abandono escolar.

No que concerne ao indivíduo, é de referir que está associado às dificuldades de aprendizagem, saúde, insucesso, baixa auto-estima, reduzido interesse pela escola e maternidade precoce; no subsistema da família observam-se aspectos relacionados com as dificuldades económicas, baixo envolvimento familiar na escola e nas actividades educativas e história de abandono familiar.

Na escola podemos encontrar a falta de mecanismos de detecção de casos de risco de abandono escolar, falta de programas de apoio a estudantes com dificuldades, reduzida ligação entre a família e a escola e falta de programas de promoção de competências sociais. É desta maneira que a socialização da escola, como um meio de vida para um conjunto de crianças que é necessário construir em comunidade, é uma condição de desenvolvimento e progresso. O meio envolvente está relacionado com as más condições de acessibilidade à escola e com um meio desfavorável capaz de gerar adversidade. (Canavarro, 2007).

Benavente et al. (1994) e Canavarro (2007) corroboram ao referir como causas do abandono escolar, o indivíduo, a família, a escola e o meio envolvente. Establet e Baudet, citados

por Meksenas (2007), também atribuem as causas do fracasso e consequente desistência escolar da rapariga, à família e à escola, pois uma família desintegrada leva a rapariga a desinteressar-se da escola, devido à pobreza ela não esforça-se e não gosta do ensino; a escola também contribui na medida em que não consegue manter uma ligação com a família da rapariga para identificar as dificuldades das raparigas propensas a desistirem da escola e apoiá-las. Um dos desafios da escola é conseguir um ambiente motivacional positivo para todos os estudantes, que os incentive a aprender, que promova a curiosidade e que os leve a querer melhorar e aumentar o seu conhecimento.

Todavia, Palme (1992), atribui como causas de abandono a mobilidade e instabilidade da sociedade moçambicana causadas pela guerra/pobreza, onde as crianças são envolvidas para viver com familiares directos ou familiares “adoptados”, e que mais tarde regressam, talvez por mau tratamento, por incompatibilidade de vivências ou porque não podiam ir à escola.

À luz do PEE 2020 – 2029, outros factores que concorrem para a desistência estão relacionados com a ineficiência interna da escola, que afecta negativamente a qualidade da educação. Tal fenómeno aumenta os custos para as famílias e sociedade e não permite reduzir, de forma significativa, o rácio alunos/professor, que era de 64,2 em 2018, no EP1³⁶.

As raparigas provenientes de famílias mais desfavorecidas, em particular, na região norte do País, registam dificuldades de aprendizagem e elevados índices de desistência escolar. Nesta região as crenças e as práticas socioculturais de carácter discriminatório são mais severas (PEE 2020 -2029).

Em Moçambique, os elevados números de abandono escolar estão muitas vezes associados a elevadas taxas de casamento prematuro e de gravidez na adolescência, uma vez que o nosso país é um dos 10 países a nível mundial com maior número de casamentos antes dos 18 anos, apesar de ser uma situação proibida por lei.

Há, no entanto, outros factores que contribuem para o abandono escolar, a baixa capacidade das escolas para dar resposta às necessidades de ensino, agrupados na categoria *factores institucionais* (por exemplo, edifícios escolares de construção precária, falta de mobiliário escolar,

³⁶ Ensino Primário do Primeiro Grau.

falta de material escolar e inexistência de bibliotecas, baixa qualificação dos professores e elevadas taxas de absentismo por parte destes, reduzida cobertura geográfica de escolas) e *factores culturais* que não promovem a manutenção das raparigas na escola, onde se inclui o casamento prematuro, a assistência à família e realização de tarefas domésticas, e o desinvestimento na educação das raparigas (Giga, 2019).

Olhando para as diferentes visões sobre esta problemática, constatamos que a maioria dos autores parece concordar que são sobretudo os alunos com dificuldades de integração na escola e com contextos familiares e socioculturais específicos a decidir abandonar a escola. Benavente, citada por Dias (2010: 29), identifica este facto como uma das causas mais frequentes para o abandono escolar; *“os alunos que abandonam têm problemas com a escola e já têm um historial de abandono escolar, em muitos casos. Só ocasionalmente se encontra um bom aluno, entusiasmado, com projectos escolares, que renuncia à escola”*.

Segundo o PNUD (2006), a rapariga têm menor probabilidade de ingressar e permanecer na escola em todos os níveis do sistema de educação, mas a sua desvantagem surge e confirma-se nos primeiros anos de escolaridade. Relativamente aos factores que estão na base da desistência escolar pode-se destacar os determinantes sociais, organizacionais e pessoais. No que diz respeito aos determinantes sociais, Janoszetal (2000), citados por Canavarro (2007), afirmam que os indivíduos desfavorecidos sócio culturalmente acedem à escola numa situação de desvantagem, pois os factores actuam antes de eles ingressarem na escola, como é o caso do nível económico e da família desestruturada. Os determinantes organizacionais influenciam para a desistência escolar, pois as famílias principalmente aquelas com baixo nível de escolarização não vêm qualquer utilidade na aprendizagem escolar, que pouco contribui para melhorar a sua condição de vida.

1.3. Consequências do abandono escolar

Estevão e Álvares citados por Giga (2019: 19), identificam os seguintes custos sociais causados pelo abandono escolar:

“limitação de oportunidades de vida; mais dificuldades na integração do mercado de trabalho, maior probabilidade de precariedade laboral e baixos salários; inibição de uma participação plena na vida comunitária, devido a dificuldades na interpretação e expressão, e na capacidade crítica; maiores riscos de pobreza e exclusão social, com repercussões na qualidade da democracia, por os baixos níveis de participação dos cidadãos estarem associados à falta de qualificações”.

Segundo Benavente et al. (1994), as elevadas taxas de abandono escolar prejudicam a produtividade da nação e representam um trágico desperdício de vidas jovens. Recorrendo a Halm (1987), Benavente et al., considera que todo o atraso em que um país incorra no desenvolvimento dos conhecimentos dos jovens, futuros agentes de produção, coloca esse país, numa situação muito delicada relativamente aos seus vizinhos e concorrentes.

Sobre o AE (abandono escolar) importa ter em mente que não se trata apenas de um problema da escola e de indivíduos em particular, mas também, de um problema social com consequências para o desenvolvimento do país. *Estudos e reflexões apontam as consequências económicas, culturais, cívicas e pessoais dos fracos níveis de escolaridade e de saber de muitos cidadãos.* (Benavente et al., 1994: 30).

Estes autores referem ainda que o saber é um direito e um instrumento de participação social e a privação de saber encerra os cidadãos em círculos de desigualdades. O abandono escolar tem consequências ao nível do futuro e do campo de possibilidades dos indivíduos que, por falta de escolarização, se encontram francamente diminuídos. Estas contrariedades no futuro prendem-se com uma maior dificuldade de acesso ao mundo do trabalho, acesso a empregos pouco qualificados e precários, geralmente mal remunerados, tornando-se estes indivíduos alvos de uma maior vulnerabilidade associada às baixas expectativas quanto às suas possibilidades e condições futuras e que acarreta um aumento da desigualdade e dependências sociais.

Deve, ainda, ter-se em conta que alguns dos alunos que deixam a escola o fazem para assegurar a sua sobrevivência e também a da sua família, normalmente também pouco qualificada. Por outro lado, o fracasso na experiência de escolarização constitui uma memória de frustração que pode vir a influenciar as gerações que se seguirem, na medida em que a má experiência dos pais pode significar um menor envolvimento na escolarização dos filhos. O abandono escolar

significa, assim, um sem número de consequências que vão desde os aspectos individuais até ao mais global desenvolvimento do país e que significam, necessariamente, um vasto conjunto de desafios para a escola e para a intervenção social escolar de hoje e do futuro.

Benavente et al. (1994), refere que uma pesquisa realizada na França, sublinha que os pais analfabetos que nunca frequentaram a escola transmitem aos seus filhos uma expectativa positiva (que vive do desconhecimento), enquanto que os pais pouco letrados e que frequentaram a escola transmitem sobretudo receios, inseguranças e resignação face aos fracassos. Ou seja, mais vale não ter escola do que má escola...

Os jovens que abandonaram prematuramente a escola, vivem um fenómeno de “desclassificação” social; nem são alunos nem trabalhadores, não são crianças nem são adultos, as instituições não se responsabilizam pela sua formação, mas eles ainda não podem responsabilizar-se pela sua própria vida.

2. Teoria de base

Segundo Lakatos & Marconi (2003), a teoria de base é o modelo teórico que serve de embasamento à interpretação do significado dos dados e factos colhidos ou levantados. Todo projecto de pesquisa deve conter as premissas ou pressupostos teóricos sobre os quais o pesquisador fundamentará sua interpretação.

Neste contexto, a presente pesquisa se apoia da teoria sociológica de Bourdieu (1998) que defende que só uma explicação sociológica pode esclarecer as diferenças de êxito que se atribuem aos alunos e não às diferenças de dons. No seu entender, na realidade, cada família transmite a seus filhos um certo capital cultural, que difere segundo as classes sociais, que é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e consequentemente pelas taxas de êxito.

Além disso, os sistemas educacionais enfrentam, hoje, uma crise de eficiência, eficácia e produtividade, mais do que uma crise de quantidade, universalização e extensão. Dito em outras palavras, o processo de expansão da escola não foi acompanhado pela distribuição eficiente de serviços que concorrem para a qualidade de práticas pedagógicas e gestão administrativa na maioria dos estabelecimentos escolares.

Neste sentido, a existência de mecanismos de exclusão e discriminação (algumas manifestações do insucesso escolar) resultam de forma clara e directa da própria ineficiência da escola e da própria incompetência dos que nela trabalham. É esta crise gerencial que promove, em determinados contextos, mecanismos tais como o abandono escolar, a repetência, o analfabetismo funcional.

Portanto, o abandono escolar também está estreitamente relacionado com a família pois o capital cultural ou legado familiar é um factor para definir as condutas escolares e as atitudes diante da escola. As crianças das classes populares obtêm uma taxa de êxito mais fraca, o que pode nos levar a perceber que o fenómeno de abandono escolar parece nos estar relacionada com as desigualdades provenientes no seio familiar dos alunos.

3. Metodologia

Para a pesquisa recorreu-se a uma abordagem qualitativa através de uso de entrevista semi-estruturada, para se compreender, de forma holística, as interpretações dos professores sobre o abandono escolar dos alunos da Escola Primária Completa Eduardo Mondlane na Província de Maputo.

O campo de pesquisa foi uma instituição pública de ensino, criada após as cheias do ano 2000 para dar resposta à demanda do maior número de alunos que vinham das zonas periféricas do bairro da Maragra, sobretudo crianças de Madzule de alguns bairros de Maciana (4º e 5º Bairro) que atravessando a estrada da Maragra para a escola corriam riscos de atropelamento devido à movimentação de máquinas.

3.1. População e amostra

Segundo Markoni & Lakatos (2003: 222) “*o universo ou população é o conjunto de seres animados ou inanimados que apresentam pelo menos uma característica em comum*”.

Portanto, a população foi constituída por todos os professores que leccionam na EPC Eduardo Mondlane. Segundo os registos oficiais, fornecidos pelo Director Adjunto daquela escola, dos 22 professores que a instituição possuía no ano lectivo 2019, 8 são homens e 14 mulheres, representando uma percentagem de 63,6%. Quando ao nível académico, 3 eram do nível básico, 14 do nível médio e 5 licenciados. Importante referir que todos tinham formação psicopedagógica

e, estavam na sua maioria a frequentarem cursos superiores em diversas instituições de ensino sedeadas na Cidade e Província do Maputo. No que tange aos anos de experiência de experiência, apenas 4 docentes daquela instituição tinham memos de cinco anos de serviço.

A amostra seleccionada foi por conveniência “*centrada em indivíduos ou grupos portadores de um ou vários atributos que possam contribuir para o desenvolvimento de uma teoria*” (Pardal e Lopes, 2011: 64). Foi constituída por 7 professores, dos quais 5 do sexo feminino e 2 do sexo masculino, correspondendo a 32% do total dos funcionários daquele estabelecimento de ensino. Todos os sete (7) professores seleccionados têm mais de cinco anos de experiência e também já tiveram nas suas turmas casos de abandono escolar. Privilegiou-se professores do 3º ciclo do ensino Primário (6ª e 7ª classe), por ser nesse ciclo onde maiores índices de abandono escolar se têm verificado.

A participação dos sete professores na pesquisa foi voluntária, não remunerada e que a sua adesão e/ou abandono foir livre. Para garantir a confidencialidade das respostas e proteger as identidades dos professores entrevistados, optamos pelo uso de nomes fictícios. O conteúdo obtido a partir da entrevista foi exclusivamente utilizado para fins académicos.

3.2. Tipo de Pesquisa

Quanto à abordagem, a presente pesquisa é qualitativa porque visa fazer um estudo exploratório de modo a interpretar, descrever e compreender as Interpretações dos professores sobre o abandono escolar de educandos da Escola Primária Completa Eduardo Mondlane, no Distrito da Manhiça, Província de Maputo, através da recolha de opiniões, de percepções e de sentimentos destes intervenientes do Processo de Ensino - Aprendizagem.

Recorreu-se a pesquisa qualitativa. BARDIN (2011), refere que a pesquisa qualitativa pode funcionar sobre *corpus* reduzidos, estabelecer categorias mais discriminantes e permitir a elaboração de deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais.

Por sua vez, Mundin (2016: 117) afirma que, “*a interpretação de fenómenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Este tipo de pesquisa não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte directa para a recolha de*

dados e o pesquisador é o instrumento chave. Esta pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar os seus dados indutivamente”.

Analisando as concepções de Bardin (2011) e Mundin (2016) sobre a pesquisa qualitativa, compreende-se que neste tipo de pesquisa trabalha-se com frequências fracas, além de não recorrer ao uso de métodos e técnicas estatísticas.

3.3 Instrumento de colecta de dados

O instrumento utilizado para a colecta de dados foi a entrevista, por ser a técnica de pesquisa mais usada em Ciências Sociais, em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com a finalidade de obter dados relevantes na investigação (Gil, 2008).

Aos professores foi aplicada uma entrevista semi-estruturada, em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas seguindo um formulário elaborado e é efectuada de preferência com pessoas seleccionadas de acordo com um plano.

A entrevista foi padronizada, isto é, foi aplicado o mesmo roteiro de entrevista à todos, com finalidade de obter respostas às mesmas perguntas, permitindo *"que todas elas sejam comparadas com o mesmo conjunto de perguntas, e que as diferenças devem reflectir diferenças entre os respondentes e não diferenças nas perguntas"* (Lodi, 1974, citado por Markoni e Lakatos, 2003).

Uma vantagem do uso deste tipo de entrevista, segundo Mundin (2016), é permitir uma flexibilidade na respostas. Não há rigidez na sequência das questões, outras questões poderão ser exploradas no decurso da entrevista.

O guião de entrevista para os professores foi adaptado a partir do instrumento utilizado por Mucopela (2016) na sua tese de Doutoramento, com o tema *“Abandono escolar em Moçambique: políticas educativas, cultura local e práticas escolares”*. Tratou-se de um, instrumento com questões agrupadas em cinco (5) blocos temáticos. Todavia após a deslocação ao campo de estudo para a pré-teste do instrumento, constatou se a necessidade da reformulação das questões em função dos objectivos do estudo, tendo o instrumento ficado também com questões agrupadas em cinco (5) blocos temáticos, que constituem as categorias: Factores do abandono escolar;

Caracterização do abandono escolar; Evolução do abandono escolar nos últimos três anos; Taxas de abandono escolar entre educandas e educandos e acções pedagógicas para travar o abandono escolar.

3.4 Procedimentos de recolha e análise dos dados

A recolha de dados foi antecedida da autorização pela direcção da EPC-Eduardo Mondlane, mediante a apresentação de uma credencial emitida pela Secretaria da FACEP – Pós graduação.

A gravação de entrevista decorreu no mês de Junho do ano dois mil e vinte e três. No momento em que o pesquisador entrevistava, gravava as respostas que os entrevistados iam fornecendo, o que permitiria ao entrevistador, escutar, várias vezes, as verbalizações gravadas e retroceder a fita magnética para escutar e reescutar pequenos trechos gravados para poder transcrever, fielmente, o que foi dito, mas antes pediu-se o consentimento para gravar a conversa.

A transcrição das entrevistas, que segundo Manzini (2006), consiste em transpor as informações orais em escritas, foi integral, na qual todas as verbalizações foram transcritas por forma a permitir que o material escrito exiba total conformidade e identidade com a gravação.

Para análise dos dados recolhidos junto dos participantes nesta pesquisa, foram utilizadas as técnicas de análise de conteúdo propostas por Bardin. Segundo Bardin (2011), a análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação. Trata-se segundo este autor, de um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou com maior rigor será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto – as comunicações.

Segundo este pesquisador, a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção /recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Esta técnica oferece ainda a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um curto grau de profundidade e complexidade. Nesta análise

pretende-se que a escolha dos termos utilizados pelo locutor, a sua frequência e o seu modo de disposição, a construção do discurso e o seu desenvolvimento sejam fontes de informação a partir das quais o investigador tenta construir um conhecimento sobre o próprio locutor ou sobre e as condições sociais em que este discurso é produzido.

4. Apresentação dos resultados

Nesta sessão faremos a análise dos resultados das entrevistas gravadas aos professores, fazendo-se uma confrontação com a literatura que versa sobre este assunto. A análise será feita por categorias, sendo que cada categoria está relacionada com os objectivos específicos ou questões do estudo.

4.1. Factores do abandono escolar dos alunos da EPC Eduardo Mondlane

Resultados colhidos a partir das entrevistas mostram que, os professores interpretam abandono escolar como motivado principalmente pela pobreza. É a pobreza que condiciona os casamentos prematuros, entrada precoce ao emprego, sobretudo informal, para conseguir algum sustendo para a família. Figuram também outros factores como a falta de acompanhamento familiar e as sucessivas reprovações que fazem com que a criança atinja uma idade consideravelmente maior em relação aos outros colegas, acabando por sofrer bullying, como ilustram os depoimentos de alguns professores entrevistados:

Explicou, o entrevistado Limão 98 que, “o abandono escolar na EPC Eduardo Mondlane tem vários factores: o primeiro factor que posso dizer é a *pobreza*.... E o outro factor quando temos meninos de uma idade um pouco avançada, *ao iniciar a campanha eles optam em inscrever-se na empresa, começar a trabalhar para sustentar as suas famílias, porque muitas crianças que temos aqui vivem com os avós, algumas nem conhecem os pais*, algumas crianças que foram feitas por militares, em que os militares abandonaram, deixando aquelas crianças com as mães (...)”.

Por sua vez, o entrevistador goiaba 102, referiu que isso ocorre devido (...) a *pobreza extrema*. A maior parte da sociedade desta área, é uma sociedade que ... está abaixo da linha da pobreza, as crianças acabam abandonando a escola,... porque a criança tem que ir ajudar os pais, porque tem que ir pedir *biscatos*, ora porque a criança tem que se calhar ser *babá* de outras crianças menores., então a família acaba ganhando qualquer coisa com isso...

O entrevistador anónimas 103, acrescentou que, “a idade também influencia para o abandono escolar, por exemplo, a criança entra na escola com 6 anos e há quem chumba repetidas vezes porque tem alguma dificuldade em assimilar a matéria, acaba tendo uma idade um pouco mais avançada ainda estando na escola primária e acaba desistindo por ver que na sala é o mais velho”.

O termo *biscato* foi muito referido pela maioria dos entrevistados como relacionado ao abandono escolar dos alunos da EPC Eduardo Mondlane, para caracterizar emprego informal, com duração indeterminada e sem contrato escrito celebrado entre as partes, destinado a fazer pequenos trabalhos em que muitas vezes a gratificação é em dinheiro e entregue logo após ao término do mesmo.

Estes resultados corroboram os encontrados por Vilanculos (2015), na sua pesquisa sobre a *análise das causas do insucesso escolar*, que efectuou em duas escolas do Distrito de Boane e Maputo e, Giga (2019) na sua pesquisa realizada na Escola Secundária da Anchilo, na província de Nampula, com o tema “*contributos para a caracterização do abandono escolar das raparigas em Moçambique*”, ao apresentarem todos como factores relacionados ao abandono escolar, o meio envolvente, a falta de suporte familiar e a falta de acompanhamento pela famílias.

Segundo Ferrão, citado por Vasconcelos (2013), podem-se conjugar na génese do abandono escolar precoce diversos factores, os quais poderão ser de natureza individual, familiar e relacionados com o meio envolvente, associando-se, na maioria dos casos, a situações de pobreza. Esta observação reforça a noção de que os casos extremos de pobreza, isolamento e exclusão levam a que as famílias deixem mais rapidamente de investir no sistema escolar, encaminhando as crianças para tarefas, remuneradas ou não, do mundo do trabalho.

Todavia dos estudos arrolados anteriormente, nenhum mostrou que o ingresso precoce ao emprego, sobretudo informal esteja, relacionado com o abandono escolar dos alunos, caso da EPC Eduardo Mondlane, Distrito da Manhica.

4.2.Caracterização do abandono escolar

De acordo com os dados das entrevistas, correm maior risco de abandono escolar os adolescentes provenientes de famílias com pouco poder económico, que nalguns casos são “chefes

de famílias” ou adolescentes que não têm muito acompanhamento pelos pais. Quanto aos sinais de abandono escolar, os entrevistados referiram aos atrasos e as faltas frequentes, a idade desproporcional em relação aos demais colegas da turma, fruto da entrada tardia a escola, ou de sucessivas reprovações, a não realização constante dos trabalhos de casa, o desinteresse pelas aulas, de acordo com os depoimentos se seguem:

As crianças que correm mais risco de AE são crianças mais crescidas, aqueles rapazes que necessitam de um certo valor, que se sentem que são meio *crescidinhos*. E aquelas raparigas ... que começaram a se relacionar com os rapazes. Alguns sinais são notórios mesmo na própria sala e aula, as crianças vão perdendo o interesse de vir a escola, convoca-se o encarregado, procura-se saber as prováveis causas das faltas consecutivas... (professor laranja 98).

Por seu turno, o Professor Maça 101, acrescentou que, um dos sinais de alerta face ao AE é que *a criança falta frequentemente a escola. Então se a criança numa semana só vem uma ou duas vezes a escola, isso é um dos sinais de alerta para o professor perceber que há problemas, quando há isso aí, o professor tem que aproximar a família, ou procurar saber dos colegas se está doente, fazer acompanhamento até chegar a própria comunidade para saber quais são as causas da desistência ou das faltas daquela criança na escola.* (entrevistado maça 101).

O termo adolescência vem do latim (*adolescere*) e significa crescer, desenvolver-se, é a fase do desenvolvimento entre a infância e o estado adulto, caracterizado por mudanças biológicas (um crescimento físico repentino, uma alteração das proporções corporais e o atingir da maturidade sexual), sociais e económicas: (da dependência da família para uma independência sempre crescente) e psicológicas (a maturação progressiva das atitudes e comportamentos sexuais que permitem, por fim, ao adolescente construir a sua própria família e adquirir várias competências que lhe proporcionarão tornar-se um membro activo da sociedade adulta (Gleitman, citado por Lourenço, 2013).

Associada a estas mudanças/transformações e crescente autonomização dos adolescentes surge, normalmente, a ideia de conflito e do confronto com figuras de autoridade fazendo associar-se este período como uma fase essencialmente problemática. Por norma este confronto é marcado por um desafio à autoridade parental, numa tentativa de afirmação pessoal e construção de

identidade. Isto desafia a escola a assumir o papel muito privilegiado para a passagem pela adolescência.

Os resultados das entrevistas assemelham-se à caracterização apresentada por Benavente et al. (1994), ao referir que as zonas rurais são as mais afectadas pelo abandono escolar: filhos de trabalhadores agrícolas, de operários, de artesãos, filhos de emigrantes e pertencentes a minorias étnicas. Um aluno em risco de AE revela em geral um atraso escolar significativo, ausência de ambições escolares, ausência de interesse pela escola, pelas matérias e pelas aulas e ambição quanto ao mundo de trabalho. Os alunos em risco de abandono são em geral, os mais velhos que os outros colegas da turma e não parecem ser apoiados pela família.

Por sua vez, Nunes, citado por Vasconcelhos (2013), também refere que, são os alunos das camadas menos favorecidas económica, social e culturalmente que engrossam as estatísticas da repetência e do abandono escolar. Vale sublinhar que os alunos que abandonam precocemente a escola são alunos que, geralmente, vivem em áreas desfavorecidas, em meios familiares desestruturados e com fracas ambições escolares.

4.3. Evolução do abandono escolar nos últimos três anos

À luz dos depoimentos dos entrevistados, os índices de abandono escolar na EPC Eduardo Mondlane estão numa situação estável com tendência a baixar. Tal diminuição deve-se, segundo os entrevistados, ao esforço conjunto entre a escola e alguns parceiros como *Viva Mais* e *Eu Sou Capaz*, que operam em algumas escolas do província e cidade do Maputo, como mostram as entrevistas:

Laranja 98: “Nos últimos três anos ... os índices de AE estão no mesmo nível. Há várias lutas para se estancar, mas é difícil... As meninas desistem em número menor do que os rapazes.

Por sua vez, Goiaba 102, referiu que *“O abandono escolar está numa situação estável nos últimos 3 anos, muita coisa melhorou. Eu acho que essas organizações que têm passado pelas escolas têm ajudado muito porque, por exemplo, no ano passado houve a distribuição do uniforme escolar, sobretudo as raparigas e isso ajudou muito as crianças a ficarem na escola. Este ano é possível ver meninas de 15, 16, 17 anos que estão aqui a terminar o EP. Tendo em conta esses itens que acabo de enumerar posso dizer que o AE melhorou muito”*.

Segundo os dados colhidos no campo a partir dos mapas de levantamento estatístico e de aproveitamento escolar dos anos 2018 – 2020, a tendência do abandono escolar dos alunos da EPC Eduardo Mondlane é crescente quando comparado os anos 2018 e 2019. No caso concreto da EPC Eduardo Mondlane, Província do Maputo, no ano lectivo 2018, num universo de 913 alunos matriculados, segundo o censo geral da educação, vulgo levantamento estatístico 3/3, 32 alunos abandonaram, correspondendo a (3, 5%). Em contrapartida, no ano seguinte, dos 890 alunos matriculados só chegaram ao fim do ano 842, representando um abandono em 48 alunos, o que corresponde a 5,4%.

Enquanto em 2020 a situação pareceu ter mostrado uma tendência decrescente, pois apenas 4 alunos desistiram num universo de 894 matriculados. Contudo, analisando a situação daquele momento, pelo Decreto Presidencial nº 11/2020 de 30 de Março, as aulas presenciais foram suspensas em todas as escolas públicas e privadas e desde o ensino pré-escolar até ao Superior, tendo sido apenas retomadas para a 7ª classe em Outubro do mesmo ano. O MINEDH deliberou a transição para a classe seguinte de todos os alunos das classes em que não retomaram as aulas presenciais, facto que por um lado pode distorcer a melhor compreensão do fenómeno de AE naquele ano.

4.4.Comparação de taxas de abandono escolar entre alunas e alunos

Quanto à comparação das taxas de abandono entre rapazes e raparigas, os dados mostram que tanto os rapazes como as raparigas são afectados pelo fenómeno de AE, todavia as raparigas são as mais prejudicadas. Porém, os motivos de desistência dos rapazes não são semelhantes aos das raparigas, como está claro nos depoimentos que:

Manga 99: Em termos de taxa de desistência, *eu penso que até ao fim do ano, poderemos ter maior taxa na parte feminina*, é a parte mais preocupante em termos de desistência, então é a que até ao final do ano temos constatado maior desistência”.

Por sua vez, Pêssego 100 afirma que *“As que mais abandonam são as raparigas. As meninas é que mais abandonam, porque há casos em que essas raparigas são chefes de famílias entre aspas, porque os pais estão na África do Sul, falando concretamente da nossa comunidade, a criança fica responsável de outras crianças (...)”*

Já o professor Ananás 103, refere “*Não posso assim afirmar, acredito que pode ser o mesmo número dependendo do que lhes leva a abandonar a escola porque tanto o menino como a menina podem ir trabalhar, claro que vão ser trabalhos diferentes, mas todos podem trabalhar*”.

Em termos de comparação de taxas de AE entre educandas e educandos, a taxa de abandono escolar das raparigas subiu de 1,9% em 2018 para 5,4% em 2020, tendo ficado estacionária em 2020. Quanto a taxa de abandono escolar dos rapazes, esta também teve um comportamento crescente, tendo evoluído de 4,9% em 2018 para 5.6% em 2020 estacionário em 2020.

Pereira, citado por Vasconcelhos (2013), sustenta esta problemática do abandono escolar na relação com o trabalho infantil. Sublinha que as raparigas são as que mais ficam fora da escola por várias razões, não só de ordem económica mas também cultural: continua a ser mais aceitável uma rapariga não ter estudos do que um rapaz. Estas são mais frequentemente arredadas da escola, não só para dar conta das tarefas domésticas, mas também para tratar e tomar conta dos irmãos mais novos. Por isso, a tendência é de se imputar a responsabilidade do aproveitamento escolar dos alunos ao seu meio de proveniência, nomeadamente a família, tendo-se constatado que, quer a oportunidade de acesso aos estudos quer o próprio sucesso escolar dependiam mais da pertença social do que do talento individual.

4.5. Medidas pedagógicas para travar o abandono escolar

No que tange as medidas pedagógicas para travar o abandono escolar, a escola recorre à *sensibilização dos encarregados, para por sua vez conversarem com alunos para não deixarem de estudar*; apoio em material escolar as crianças mais necessitadas; às campanhas de educação de saúde sexual e reprodutiva, com enfoque na prevenção da gravidez precoce e na distribuição de uniforme escolar para todas as raparigas da 4ª à 6ª classe, actividades que são desenvolvidas na escola em parceria com *Viva Mais* e *Eu Sou Capaz*, como ilustra o excerto como ilustra o excerto abaixo:

Manga 99 “A direcção da escola tem procurado ao nível das turmas ... as crianças necessitadas bem como as crianças que faltam muito, no sentido de haver um acompanhamento pedagógico, e também tem feito a distribuição de alguns materiais, estamos a falar de material escolar (lápiz, caderno)”.

Por sua vez, Maçã 101, sustentou que: “Uma das medidas que temos tomado, nós vemos que um aluno já não aparece na escola, temos procurado a informação dos colegas, na comunidade, além disso, fazemos visitas domiciliárias para percebermos melhor as causas da desistência da criança e para além disso, para aquelas crianças carenciadas, que não conseguem o material escolar ou a escola tem providenciado o material escolar para aquelas crianças carentes, como é o caso de cadernos, lápis, canetas. E há também um projecto que tem nos ajudado aqui na escola para nos fornecer uniforme.

De acordo com Benavente (1994: 85), *o saber é um direito e um instrumento de participação social e a sua privação inclui os cidadãos em círculos de desigualdades. Desse modo, o abandono escolar é questão de responsabilidade política, social e institucional, que interroga as políticas sociais e as práticas escolares.*

Assim, percebendo que um dos actuais e principais desafios das nossas escolas é fazer com que as crianças e os adolescentes nela permaneçam e consigam concluir os níveis de ensino em idade adequada, isto desafia a escola no sentido de apurar quem são os estudantes que apresentam maior dificuldade no processo de aprendizagem; quem são aqueles que mais faltam na escola; onde e como eles vivem; quais são as suas dificuldades, os que abandonaram qual foi o motivo; o que estão fazendo fora da escola e que esforços estão sendo empreendidos para trazê-los de volta para a escola.

5. Conclusão

Face a estes propósitos, as análises apresentadas nesta pesquisa mostram que, os professores interpretam o fenómeno de AE, como motivado principalmente pela pobreza. Esta situação condiciona aos casamentos prematuros, entrada precoce no mercado de trabalho, sobretudo informal (*biscato*) para conseguir algum sustendo para a família. Foram também referidos outros factores de AE, como a falta de acompanhamento familiar e as sucessivas reprovações, que fazem com que a criança atinja uma idade consideravelmente maior em relação aos outros colegas.

Percebeu-se que, o fenómeno de abandono escolar tem maior incidência em adolescentes, provenientes de famílias com pouco poder económico, que nalguns casos são “chefes de famílias”,

adolescentes que não têm muito acompanhamento pelos pais. Quanto aos sinais de AE, importa salientar os atrasos e as faltas frequentes, a idade desproporcional em relação aos demais colegas da turma, fruto da entrada tardia na escola ou de sucessivas reprovações, assim como a não realização constante dos trabalhos de casa e o desinteresse.

Benavente et al. (1994) defende que o AE ocorre *repetidamente, no quadro de assimetrias e desigualdades sociais e de uma instituição escolar cujos conteúdos e práticas não se adequam à diversidade de quem hoje as frequenta*. Tal facto, reforça o argumento de uma *escola reprodutora das desigualdades sociais*, incapaz de se oferecer de forma homogênea a todos os que a ela têm direito. Uma escola incapaz de promover igualitariamente as oportunidades e a mobilidade social proporcionando situações de exclusão escolar.

Foi ainda possível concluir que, as raparigas são as que mais ficam fora da escola por várias razões, não só de ordem económica mas também cultural: continua a ser mais aceitável uma rapariga não ter estudos do que um rapaz. Estas são mais frequentemente arredadas da escola, não só para dar conta das tarefas domésticas, mas também para tratar e tomar conta dos irmãos mais novos. Por isso, as taxas de êxito na escola têm uma relação como o meio familiar de pertença do aluno.

Quanto às medidas pedagógicas para travar o abandono escolar, a escola é desafiada no sentido de aprofundar o seu conhecimento para apurar quem são os estudantes que, na nossa escola, apresentam maior dificuldade no processo de aprendizagem; quem são aqueles que mais faltam na escola; onde e como eles vivem; quais são as suas dificuldades, os que abandonaram qual foi o motivo; O que estão fazendo fora da escola; que esforços para em trazê-los de volta para a escola. Concluiu-se também que, o bullying certamente é um dos motivadores do AE, porque faz o aluno perder o interesse de ir para escola, além de acabar com a auto-estima do adolescente, essa prática deixa profundas marcas físicas e psicológicas, por isso combater o bullying na escola é um dos desafios actuais.

6. Referências

- Benavente, A. et. al. (1994). *Renunciar á Escola – O Abandono No Ensino Básico*. Portugal: Fim do Século Edições LDA.
- Bossa, N. A. *Fracasso Escolar: Um Olhar Psicopedagógico*. São Paulo: Artmed Editora, 2002.

- Bourdieu, P. (1998). *Escritos de Educação*, Brasil: Editora Vozes Petripólis.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Brasil: Edições 70, 2011.
- Canavarro J. M. (2007). *Para a Compreensão do abandono Escolar*. Lisboa: Textos Editores, 2007.
- Giga, O. M. (2019). *Contributos Para a Caracterização do Abandono Escolar das Raparigas Em Moçambique - Estudo de caso da Escola Secundária de Anchilo, na Província de Nampula*. Tese de Mestrado. Lisboa,
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, 6ª Edição, São Paulo: Atlas Editora.
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo, Atlas Editora.
- Lakatos, E. M. & Markoni, M. (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica 5ª Edição*, São Paulo, Editora Atlas
- LEI nº4/83 do *Sistema Nacional de Educação (SNE)*, publicada no Boletim da República Popular de Moçambique de 23 de Março de 1983.
- LEI nº6/1992 do *Sistema Nacional de Educação (SNE)*, publicada no Boletim da República de Moçambique de 28 de Dezembro
- LEI nº 18/2018 do *Sistema Nacional de Educação (SNE)*, publicada no Boletim da República de Moçambique de 6 de Maio
- Lourenço, A. R. M. (2013). *Motivações na origem do Abandono Escolar – Estudo de Caso com Jovens Sinalizados na CPCJ de Castelo Branco*, Tese de Doutoramento, Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Educação –Portugal.
- Manzini, E. J. *Considerações sobre a entrevista para a pesquisa social em educação especial: um estudo sobre análise de dados*. In: JESUS, D. M.;
- Baptista, C. R. & Victor, S. L. (2006). *Pesquisa e Educação Especial: Mapeando Produções*. Vitória: UFES
- Meksenas, P. (2007). *Sociologia da Educação*. 13ª Ed. S. Paulo: Editora Loyola
- MINED. *Plano Estratégico da Educação 2020-2029*, Ministério da Educação, Maputo, de 2020.
- Mucopela, V. M. (2016). *Abandono Escolar em Moçambique, Políticas Educativas, Cultura Local e Práticas Escolares*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais, Administração e Educação – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Mundin, I. B. (2016) *Metodologia de Pesquisa em Ciências Sociais*, Maputo, Escolar Editora.
- Palme, M. (1992). *O Significado da Escola: Repetência e Desistência na Escola Primária Moçambicana*. Estocolmo: Gotab/INDE,
- Pardal, L. & LOPES, E.S. (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*, Porto: Areal Editores
- Vasconcelhos, M. de D. M. C. (2013). *O Abandono e o Absentismo Escolar No Concelho de Ponta Delgada*, Dissertação de Mestrado - Universidade Fernando Pessoa, Porto